

**A INTERNACIONALIZAÇÃO DAS COMUNIDADES LUSÓFONAS E IBERO-AMERICANAS
DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS – O CASO DAS CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO**

Coordenação

MOISÉS DE LEMOS MARTINS

Diretor das Coleções do CECS: Moisés de Lemos Martins

Diretor-Adjunto das Coleções do CECS: Manuel Pinto

Capa: António Modesto

Paginação: Margarida Baldaia

© Edições Húmus, Lda., 2017

Apartado 7081

4764-908 Ribeirão – V. N. Famalicão

Telef. 926 375 305

humus@humus.com.pt

Impressão: Papelmunde

1.ª edição: novembro de 2017

Depósito legal: 434342/17

ISBN: 978-989-755-306-6

Apoio:

Cofinanciado por:



Financiado pelo COMPETE: POCI-01-0145-FEDER-007560 e FCT – Fundação para a Ciência e Tecnologia, no âmbito do projeto: UID/CCI/00736/2013.

POR UMA COMUNIDADE CIENTÍFICA, POLICENTRADA E POLIFACETADA, UMA COMUNIDADE COM SENTIDO HUMANO

Moisés de Lemos Martins*

Em todos os tempos, as comunidades humanas se confrontaram com duas questões fundamentais: com o problema da ordem, na tentativa de dar resposta à exigência de viver em sociedade; e, também, com o problema da história, indagando sobre as possibilidades da ação humana.

Neste aspeto, a nossa época não é distinta de todas as outras. E, todavia, estas questões, a da ordem e a da história, colocam-se hoje com particular acuidade, porque no nosso tempo, as fundações da sociedade democrática ameaçam ruir e as possibilidades da ação humana diminuiram consideravelmente.

Percebemos, hoje, que a ordem no mundo é ditada pelos mercados económico-financeiros e que, em consequência disso, é o próprio sentido do humano que entrou em crise, no vórtice da mobilização total e infinita para o mercado global, a que bens, corpos e almas passaram a obedecer.

* Professor Catedrático da Universidade do Minho, doutorou-se em Ciências Sociais (especialidade de Sociologia) na Universidade de Ciências Humanas de Estrasburgo (1984). Ensina e investiga em Sociologia da Cultura, Semiótica Social, Sociologia da Comunicação, Cultura Visual, Comunicação Intercultural, Estudos Lusófonos, Política Científica e Tecnológica. Dirige o Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade (CECS), que fundou em 2001. É Diretor da revista *Comunicação e Sociedade*, e também da *Revista Lusófona de Estudos Culturais / Lusophone Journal of Cultural Studies* (RLEC). Foi Presidente da Associação Portuguesa de Ciências da Comunicação (Sopcom), tendo sido Presidente da Federação das Associações Lusófonas de Ciências da Comunicação (Lusocom) e da Confederação Ibero-Americana das Associações Científicas e Académicas de Comunicação (Confibercom). Da sua obra constam os seguintes títulos: *Lusofonia e Interculturalidade. Promessa e Travessia* (2015); *Crise no Castelo da Cultura. Das Estrelas para os Ecrãs* (2011); *L'Imaginaire des Médias* (coeditor, 2011); *Do Post ao Postal* (coeditor, 2014); *Caminhos nas Ciências Sociais. Memória, Mudança Social e Razão* (2010); *A Linguagem, a Verdade e o Poder. Ensaio de Semiótica Social* (2002); *O Olho de Deus no Discurso Salazarista* (1990, 2016), *Para uma Inversa Navegação. O Discurso da Identidade* (1996).
E-mail: moisesm@ics.uminho.pt.

E por outro lado, ao generalizar-se na comunidade o sentimento de incapacidade para alterar o curso das coisas, há quem tenha passado a agoriar sobre o fim da história.

A metafísica tradicional era fundada na palavra. E a palavra era um espaço de promessa, dado que declinava ideias de futuro e nos dava garantias sobre ele.

Essa metafísica da unidade acabou no Ocidente. Já não é mais possível lançarmos um propósito para diante (para o futuro), fundando-o num fundamento seguro (Martins, 2011). Agora é para o presente que somos mobilizados. As palavras da promessa (centradas no futuro) foram substituídas pelos números da promessa (que no ocidente são, sobretudo, números da crise): os números do Produto Interno Bruto (PIB), que não cresce o que desejaríamos, quando não tem crescimento negativo; os números da Balança Comercial, com desequilíbrios crónicos entre as exportações e as importações; os números do défice, interno e externo; os números do desemprego, que a muito custo procuramos suster; os números do envelhecimento da população na Europa; os números das desigualdades sociais, que alastram; os números da quebra drástica, na Europa, dos índices demográficos; os números da instabilidade social, política, económica e financeira, a qual, um pouco por todo o lado, não para de ameaçar-nos... Trata-se de números virados para o presente e que no Ocidente apenas assinalam a nossa urgência numa situação de crise.

Debater o nosso tempo é, pois, debater a crise em que estamos mergulhados. E debater a crise significa interrogar a condição precária de quem atravessa uma “noite dos tempos”, para falar como Georges Steiner (1971), uma *noite* onde a história se armazena em *gigas*, as emoções se processam em *bits*, os corpos se compõem com *pixéis*, e a vida toda, de bens, corpos e almas, é convertida em valor económico e financeiro.

E bem pode o nosso quotidiano atolar-se em aborrecimento e cansaço, que os ecrãs não nos dão mais sossego, agitando-nos, excitando-nos e mobilizando-nos, inexoravelmente, para o mercado global, num movimento em que a palavra recua diante da torrente de imagens tecnológicas, e nós perdemos qualquer fundamento seguro, identidade estável, território conhecido e dominável (Martins, 2010).

Os textos que esta obra reúne resultam das conferências plenárias do II Congresso da Confederação Ibero-americana das Associações Científicas e Académicas de Comunicação (Confibercom), realizado em Braga, na Universidade do Minho, em 2014, que reuniu investigadores de todo o espaço ibero-americano. Sem

dúvida que, no seu conjunto, estes textos são de uma importância extraordinária, pela esperança que os anima, de desenvolvimento, alargamento e consolidação da comunidade ibero-americana de Ciências da Comunicação¹.

As Ciências da Comunicação são uma atividade de pensamento crítico, uma atividade que se exerce sobre a sociedade. E exercer este olhar reflexivo sobre os modos como interagimos uns com os outros no espaço ibero-americano concorre para a construção desta grande comunidade científica.

Ao falarmos do espaço ibero-americano, estamos a falar de uma diversidade de culturas, estamos a falar de comunidades que se exprimem em duas línguas, a portuguesa e a espanhola, duas línguas que por serem de cultura, pensamento e conhecimento, concorrem para a construção da comunidade científica ibero-americana, contrariando a visão de um mundo monocolor, um mundo globalizado, hegemonicamente falado em inglês².

As Ciências das Comunicação dos países ibero-americanos têm esta responsabilidade, uma responsabilidade ao mesmo tempo científica, estratégica, política e cívica, de concorrer para a construção da comunidade de investigação ibero-americana de Ciências da Comunicação, fazendo obra de cultura, de pensamento e de conhecimento. Ao interrogarem em português e em espanhol os modos como nos distintos países deste espaço transnacional e transcontinental fazemos obra de conhecimento e interagimos uns com os outros, as Ciências da Comunicação constroem a sua própria comunidade científica.

As expressões maiores do espírito apenas podem ser realizadas na língua materna. E entre as expressões maiores do espírito estão o pensamento e a cultura (Martins, 2015 b).

O II Congresso Ibero-americano de Ciências da Comunicação exprimiu o entendimento de que as línguas, portuguesa e espanhola, por serem línguas

1 Ainda em 2014, foram publicadas as Atas do II Congresso Mundial de Comunicação Ibero-americana, *Comunicação Ibero-americana: os Desafios da Internacionalização* (Martins & Oliveira, 2014). Mas já em 2012, haviam sido publicados os principais textos, apresentados ao I Congresso Mundial de Comunicação, realizado em 2011, em São Paulo, *Comunicação Ibero-americana: sistemas midiáticos, diversidade cultural, pesquisa e pós-graduação* (Kunsch & Melo, 2012). Assim como também haviam sido publicados, em 2013, os textos relativos ao I Fórum da Confibercom, realizado em Quito, no Ciespal (Kunsch, 2013), *La Comunicación en Iberoamérica. Políticas científicas y tecnológicas, posgrado y difusión de conocimiento*.

2 Contrariando a visão de um mundo monocolor, falado numa única língua, o inglês, e em defesa da diversidade linguística, veja-se *Lusofonia e Interculturalidade* (Martins, 2015 a).

de pensamento e de cultura, devem ser línguas de conhecimento. É esse entendimento estratégico que é manifestado nos textos aqui reunidos.

Uma língua que não se esforce para dizer os avanços do seu tempo, e também as suas contradições e inquietações, uma língua que não se esforce para dizer os bloqueios e os impasses da sua época, quero dizer, uma língua que não tenha pensamento, é uma língua que não cria conhecimento. E se o não fizer, se não criar conhecimento, é uma língua arcaica, que estiola e acaba por morrer.

Foi a esse desafio que respondeu o II Congresso Ibero-americano de Ciências da Comunicação: concorrer para tornar as línguas, portuguesa e espanhola, línguas de pensamento e línguas de cultura, e em consequência disso, línguas de conhecimento.

Este Congresso não teve outra linha de rumo que não fosse, por um lado, reforçar e desenvolver os propósitos que animaram a criação da Confibercom, e, por outro, homenagear dois dos seus principais obreiros, o Professor brasileiro, José Marques de Melo, e o Professor português, José Manuel Paquete de Oliveira: debater as políticas científicas e contrariar o modelo hegemónico de fazer ciência, um modelo que nos apaga, tanto pela língua de uso, como pelo paradigma científico que nos impõe.

Realizando esta tarefa, estamos a dar oportunidades ao conhecimento, que se exprime na diversidade das culturas faladas em português e em espanhol, assim concorrendo para a construção de uma comunidade científica, policentrada e polifacetada, uma comunidade com sentido humano, que é sempre uma comunidade com o sentido do debate e da cooperação, no respeito pela diversidade e pela diferença entre as culturas.

Referências bibliográficas

- KUNSCH, M. (Ed.) (2013). *La Comunicación en Iberoamérica. Políticas científicas y tecnológicas, posgrado y difusión de conocimiento*. Quito: Confibercom/Ciespal.
- KUNSCH, M. & Melo, J. M. (Eds.) (2012). *Comunicação Ibero-americana: sistemas midiáticos, diversidade cultural, pesquisa e pós-graduação*. São Paulo: Confibercom & Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo.
- MARTINS, M. L. (2011). *Crise no Castelo da Cultura. Das Estrelas para os Ecrãs*. Coimbra: Grácio. Disponível em: <http://hdl.handle.net/1822/29167>.
- MARTINS, M. L. (2010). A mobilização infinita numa sociedade de meios sem fins. In Álvares, C. & Damásio, M. (Org.) *Teorias e práticas dos media. Situando o local no*

- global* (pp. 267-278). Lisboa: Edições Lusófonas. Disponível em: <http://hdl.handle.net/1822/24250>.
- MARTINS, M. L. & Oliveira, M. (2014). *Comunicação Ibero-americana: os Desafios da Internacionalização* – Livro de Atas do II Congresso Mundial de Comunicação Ibero-americana. Braga: Universidade do Minho / CECS. Disponível em: <http://hdl.handle.net/1822/33031>.
- MARTINS, M. L. (Ed.) (2015 a). *Lusofonia e Interculturalidade. Promessa e Travessia*. Famação: Húmus. Disponível em: <http://hdl.handle.net/1822/39693>.
- MARTINS, M. L. (2015 b). Os Estudos Culturais como novas Humanidades. *Revista Lusófona de Estudos Culturais / Lusophone Journal of Cultural Studies*. Vol. 3 (1), pp. 341-361. Disponível em: <http://hdl.handle.net/1822/40655>.
- STEINER, G. (1992) [1971]. *No Castelo do Barba Azul. Notas para a redefinição da cultura*. Lisboa: Relógio d'Água.